

**“MEU ALUNO SABE ARGUMENTAR?”  
ESTUDO DE CASO NO PROFLETRAS/UERN/ASSU**

*Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)*  
[guianeezasaraiva@uern.br](mailto:guianeezasaraiva@uern.br)

**RESUMO**

A argumentação é uma arte, uma técnica que faz parte do cotidiano – escolar e social – do indivíduo há séculos. Inúmeros são os métodos para argumentar, dentre os quais se destacam a retórica, a relação entre causas e consequências, a citação de autoridade e o recurso de ilustração. Todavia, as aulas de Língua Portuguesa, em especial na Educação Básica, comprovam que os alunos, em grande maioria, apresentam um déficit na interpretação e na produção de textos argumentativos, seja pela limitação no repertório sociocultural, seja pelo pouco domínio dos aspectos estruturais e composicionais de um determinado gênero textual. Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados das oficinas aplicadas pelos discentes do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras –, da UERN, *Campus* Avançado de Assu. Em concomitância, objetiva ampliar as discussões relativas a gêneros textuais, com ênfase na sequência textual *Argumentação*. Teoricamente, nos ancoraremos nos postulados de Marcuschi (2008), Antunes (2003) e Araújo (2021), para discutir questões relativas às concepções de gêneros textuais e suas implicações para o ensino. O *corpus* é composto por cinco oficinas, cujas aplicações se deram em turmas de 8º e 9º anos, em municípios diversos. Os resultados, ainda que preliminares, indicam que os alunos interagiram e cumpriram as etapas das oficinas, embora a verbalização de que estavam com dificuldades para executar as propostas de atividades fosse uma constante. Por fim, convém frisar a importância de metodologias que possibilitem o processo de ensino-aprendizagem de gêneros textuais argumentativos na escola – e além dela.

**Palavras-chave:**

ProfLetras. Educação Básica. Gêneros Textuais.

**ABSTRACT**

Argumentation is an art, a technique that has been part of the daily life – school and social – of the individual for centuries. There are numerous methods to argue, among which rhetoric, the relationship between causes and consequences, the citation of authority and the illustration resource stand out. However, Portuguese language classes, especially in Basic Education, prove that students, for the most part, have a deficit in the interpretation and production of argumentative texts, either due to a limitation in their sociocultural repertoire, or due to the little mastery of the structural and compositional aspects of a particular textual genre. Based on this premise, this work aims to present the results of the workshops applied by students of the Professional Master's Degree in Letters – ProfLetras –, of UERN, *Advanced Campus* of Assu. Concomitantly, it aims to broaden discussions related to textual genres, with emphasis on the textual sequence *Argumentation*. Theoretically, we will anchor ourselves in the postulates of Marcuschi (2008), Antunes (2003) and Araújo (2021), to discuss issues related to the conceptions of textual genres and their implications for

teaching. The *corpus* consists of five workshops, whose applications took place in 8<sup>th</sup> and 9<sup>th</sup> grade classes, in several municipalities. The results, although preliminary, indicate that the students interacted and fulfilled the stages of the workshops, although the verbalization that they were struggling to execute the proposals for activities was a constant. Finally, it is worth emphasizing the importance of methodologies that enable the teaching-learning process of argumentative textual genres in school – and beyond.

**Keywords:**

**ProfLetras. Basic Education. Text Genres.**

## **1. Introdução**

As discussões sobre gêneros textuais na Educação Básica não são uma novidade. Todavia, se intensificaram, mais recentemente, os relatos de dificuldades quanto ao processo de ensino e aprendizagem a partir de textos, fazendo com que novas pesquisas fossem cruciais. Nesse sentido, inicio este artigo trazendo à tona as seguintes problematizações: Como ensinar aos meus alunos a interpretar? Como orientá-los a identificar uma tipologia/sequência textual? Como incentivar a escrita e a oralidade na sala de aula? Qual o momento certo para contemplar a argumentação a partir de gêneros textuais argumentativos?

Partindo, então, dessa premissa, este trabalho intenciona apresentar os resultados de uma atividade desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras –, com sede no Campus Avançado de Assu, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Objetiva, também, ampliar as discussões acerca dos gêneros textuais, bem como a dinamização das práticas de leitura e de produção de texto, com foco na argumentação.

Para dar conta desses objetivos, recorrerei aos postulados teóricos de Marcuschi (2008), Antunes (2003) e Araújo (2021). No que diz respeito aos aspectos metodológicos e analíticos, é possível dizer que esta pesquisa é qualitativa, de base interpretativa (Cf. MOITA LOPES, 2006), cujo *corpus* é composto por cinco oficinas aplicadas pelos discentes do ProfLetras, em suas salas de aula, nos municípios em que possuem vínculo como funcionários públicos. Nesse sentido, este artigo trata-se de um estudo de caso, uma vez que tem como finalidade evidenciar dados de uma pesquisa já realizada por outrem.

Os resultados, de forma sumária, indicam que há um aperfeiçoamento quanto ao ensino e à avaliação de gêneros textuais na Educação Básica, embora relatos de dificuldades – tanto por parte dos docentes,

como dos discentes – ainda sejam constantes. É pertinente frisar, ainda, que este estudo não engessa as múltiplas possibilidades de se trabalhar leitura e produção de textos na escola e além dos muros dela.

## **2. Gêneros textuais argumentativos na escola: novos olhares, novos saberes**

A pauta sobre a importância do ensino de gêneros textuais na escola é recorrente na pós-modernidade. Isso porque a indicação, sobretudo de Antunes (2003), para que as aulas de Língua Portuguesa centrassem foco no texto deram um novo direcionamento, um novo olhar para a leitura e para a escrita na sala de aula. Em outras palavras, o que antes se limitava ao ensino de normas gramaticais – com frases isoladas, pouco funcionais e que implicam em decoreba –; agora, a orientação é que quatro eixos sejam contemplados, a saber: leitura, escrita, análise linguística e oralidade.

Tais encaminhamentos, como já citado, mudou o ensino de Língua Portuguesa, tendo em vista a necessidade de um ensino de gramática, por exemplo, contextualizado. A partir, então, dessa premissa, as orientações provenientes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indicavam a urgência de se contemplar os diversos gêneros textuais em todo o Ensino Fundamental – anos finais – e Ensino Médio<sup>142</sup>. Essas premissas, fizeram com que a figura do professor atentasse para as práticas pedagógicas emergentes à época.

Ainda a respeito do ensino a partir dos gêneros textuais, é conveniente endossar que a obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi (2008), agregou inúmeras contribuições para docentes atuantes em diferentes níveis, tendo em vista a rica orientação de como trabalhar textos em sala de aula, dentre as quais resalto:

[...] as relações entre as diversas variantes linguísticas, as relações entre fala e escrita no uso real da língua, o funcionamento e a definição de categorias gramaticais, os padrões e a organização de estruturas sintáticas, a organização do léxico e a exploração do vocabulário, o funcionamento dos processos semânticos da língua, as estratégias de redação e questões de estilo, a questão da leitura e da compreensão, *o treinamento da raciocínio e da argumentação, o estudo dos gêneros textuais, o estudo da pontuação e da ortografia.* (MARCUSCHI, 2008, p. 51-52) (grifos meus)

---

<sup>142</sup> Delimitei para o público-alvo do profissional de Letras Vernáculas.

Como se pode comprovar, nascia, ali, uma nova orientação, um novo rumo para a educação no Brasil, para o processo de ensino–aprendizagem de Língua Portuguesa. Ainda sobre essa listagem de possibilidades metodológicas, Marcuschi (2008) esmiúça os quesitos essenciais para se trabalhar com gêneros textuais, seja na Educação Básica, seja no âmbito acadêmico. Dentre esses itens, convém pontuar o conhecimento sobre as tipologias e as sequências textuais, os domínios discursivos, os suportes e, acima de tudo, os propósitos sociocomunicativos, que, por sua vez, são peculiares a cada gênero.

Conforme já citei, os postulados de Marcuschi se configuram como um marco para o ensino de gêneros textuais. Seu legado se perpetua até a atualidade, embora novos estudos tenham sido desenvolvidos, a exemplo das teorias que se voltam para os gêneros digitais/multimodais, bem como para a disseminação de novos conceitos, novas teorizações. A título de ilustração, menciono os estudos de Araújo (2021), mais especificamente o uso do termo “constelação de gêneros”, definido por ele como

[...] um agrupamento de situações comunicativas em torno das quais gravitam, em diferentes graus, *características comuns ao ambiente ou à esfera de comunicação* dos gêneros da constelação, *características de sua constituição genética*, isto é, aproximando-os também em seu processo formativo e, por último, mas não menos importante, uma teia de *propósitos comunicativos* relativamente claros pelos quais os gêneros são reconhecidos por seus usuários, distinguindo-os uns dos outros e servindo de “guias” para sua adequada utilização no interior de suas esferas de atividade. (ARAÚJO, 2021, p. 106) (grifos do autor)

Em linhas gerais, são inegáveis os avanços no cenário do ensino pautado nos gêneros textuais. A aplicação de atividades pedagógicas que contemplem a escrita e a oralidade, a leitura e a interpretação de textos, as convenções gramaticais e as variantes linguísticas, os elementos verbais e os visuais, dentre tantos outros itens que estão circunscritos nas práticas languageiras, constituem aquilo que muitos docentes afirmam ser o plano de aula ideal, haja vista fazer jus aos documentos oficiais da educação, além de possibilitar a constatação de uma aprendizagem efetiva, gradual e essencial para o desenvolvimento de um indivíduo crítico e consciente do seu papel no mundo.

### **3. O Professor-Pesquisador no Mestrado Profissional em Letras**

O Mestrado Profissional em Letras, também conhecido como

ProfLetras, é um Programa de Pós-Graduação voltado para um público bem específico: professores da Educação Básica que atuem no Ensino Fundamental – anos finais – e que sejam funcionários públicos, do Estado ou do Município. Além dessa especificidade, o ProfLetras tem uma outra peculiaridade: a dissertação deve contemplar os resultados de uma proposta de intervenção que, por sua vez, é orientada por um professor doutor efetivo do programa.

Além da qualificação e da defesa da dissertação, os discentes se matriculam em disciplinas obrigatórias e optativas, a fim de integralizar os créditos exigidos para a obtenção do título de mestre(a). Dentre as optativas, destaco, neste trabalho, o componente curricular “Gêneros discursivos/textuais e práticas sociais”, pelo fato de o *corpus* utilizado ser oriundo das discussões e das atividades avaliativas, propostas no decorrer do semestre 2021.1 da UERN, no Programa já citado.

Voltando a discorrer sobre as especificidades deste trabalho, é importante mencionar, de forma sumária, que a turma é composta por dez alunos, que se dividiram em cinco duplas. Logo após a organização das equipes, foi realizado o sorteio dos gêneros textuais argumentativos que eles deveriam trabalhar em suas salas de aula, sendo eles: artigo de opinião, carta argumentativa, editorial, texto dissertativo-argumentativo e debate. Na sequência, os discentes do ProfLetras foram orientados a confeccionar uma oficina, para ser aplicada em, pelo menos, uma sala de aula, em que um dos membros da equipe atuasse como professor de Língua Portuguesa.

Como já dito anteriormente, a elaboração e a aplicação das oficinas constituíram parte da avaliação dos discentes do ProfLetras. A outra nota foi atribuída a partir da produção de artigos científicos, produzidos por cada dupla, contemplando, em especial, os resultados obtidos nas oficinas. Apresentarei, ainda neste trabalho, um recorte dessas produções acadêmicas, enfatizando as experiências, as lacunas, as constatações quanto ao ensino por meio dos gêneros textuais.

A partir dessa breve explanação, evidencio, a seguir, as orientações para a produção das oficinas:

Quadro-resumo 01: Orientações para a produção das oficinas – Parte I.

Orientações – Parte I
1º passo: Produção de um resumo, contendo entre 100 e 250 palavras. Nele, contemple os seguintes aspectos: breve contextualização do tema, objetivo geral, síntese da fundamentação teórica, metodológica e analítica. Por fim, apresente o público-alvo desta oficina.
2º passo: Aponte de 3 a 5 referências essenciais para o embasamento teórico da Oficina. Não esqueça que a atualização das obras é essencial para uma boa pesquisa.
3º passo: Escolha das temáticas que irão compor as oficinas, a partir dos gêneros textuais sorteados.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas foram as orientações que compuseram a primeira parte da oficina. Como se pode ver, a fase 1 é voltada para questões teóricas e acadêmicas e, por esse motivo, foi crucial a seleção de obras/autores e suas respectivas linhas sobre gêneros textuais. Acerca disso, é prudente enfatizar que os discentes participaram de aulas cujo propósito era promover a discussão sobre as concepções de gêneros textuais (Cf. MARCUSCHI, 2008), gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011) e gêneros da linguagem (Cf. OLIVEIRA; PAIVA, 2019). Ademais, a escolha das temáticas foi determinante para a participação dos alunos, haja vista existir a hipótese de que temas da atualidade, que sejam amplamente difundidos nas práticas sociais, incidam em uma maior interesse do alunado.

Vejamos, agora, a fase 2 da oficina, que se refere à execução das atividades planejadas.

Quadro-resumo 2: Orientações para a execução das atividades planejadas – Parte II.

Orientações – Parte II
A medida que as etapas forem ocorrendo, façam um pequeno relatório. Anotem tudo que julgarem relevante. Seguem alguns questionamentos que poderão nortear esta etapa, embora outros quesitos possam ser observados e relatados:
a) A interação dos alunos correspondeu às expectativas?
b) O processo de aprendizagem foi significativo/satisfatório?
c) O nível da oficina é condizente com a turma/nível? Caso não, em que momento isso foi identificado? O que foi feito para sanar o problema?
d) Quais as fragilidades observadas na execução das atividades programadas?
e) Os alunos verbalizaram avaliações positivas e/ou negativas? (que massa, amei, queria outra aula assim, isso é chato, etc.)
f) Que outras temáticas poderiam ser trabalhadas?
g) Como a temática escolhida auxiliou na formação do senso crítico dos discentes? Foram trabalhados apenas dados atuais ou contextos históricos foram considerados?

Fonte: Elaborado pela autora.

Estes foram os direcionamentos dados em uma das aulas da disciplina “Gêneros discursivos/textuais e práticas sociais”. Depois de sanar algumas dúvidas e da indicação de referências e de alguns possíveis as-

pectos metodológicos, os mestrandos tiveram três semanas para o cumprimento dessas atividades. Vejamos, na sequência, as temáticas escolhidas pelas equipes, os gêneros sorteados e algumas primeiras observações sobre a aplicação das oficinas.

Quadro-resumo 03: Aplicação das oficinas.

<b>Gênero sorteado</b>	<b>Temática escolhida</b>	<b>Discentes do ProfLetras</b>	<b>Observações relevantes</b>
Artigo de opinião	Cultura do cancelamento	Carla Sousa e Mônica Ferreira	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apontamento do conceito de Cultura de Cancelamento;</li> <li>- Revisão dos elementos estruturais e composicionais do gênero textual <i>artigo de opinião</i>, bem como da sequência textual <i>argumentação</i>;</li> <li>- Uso de coletânea de textos diversos para auxiliar no repertório dos alunos da Educação Básica.</li> </ul>
Carta argumentativa	Violência contra a mulher	Cinthia Nascimento e Maria de Fátima da Silva	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de estatísticas sobre a violência contra a mulher, em especial no contexto de pandemia;</li> <li>- Revisão dos elementos estruturais e composicionais do gênero textual <i>carta argumentativa</i>, bem como da sequência textual <i>argumentação</i>;</li> <li>- Uso de coletânea de textos diversos para auxiliar no repertório dos alunos da Educação Básica.</li> </ul>
Texto dissertativo-argumentativo	Novos arranjos familiares	Leidiane Ferreira e Rogerlane Veras	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussão sobre as diversas configurações familiares na pós-modernidade.</li> <li>- Revisão dos elementos estruturais e composicionais do gênero textual</li> </ul>

			<p><i>Texto Dissertativo-Argumentativo</i><sup>143</sup>, bem como da sequência textual <i>argumentação</i>;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso de coletânea de textos diversos para auxiliar no repertório dos alunos da Educação Básica.</li> </ul>
Editorial	Bullying	Margarene Silva e Rogério Rosa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenciação do bullying e cyberbullying, além da discussão de que este preconceito sempre existiu, embora fosse veado em algumas práticas sociais.</li> <li>- Revisão dos elementos estruturais e composicionais do gênero textual <i>Editorial</i>, bem como das sequências textuais <i>argumentação e exposição</i>, tendo em vista ser um gênero jornalístico;</li> <li>- Uso de coletânea de textos diversos para auxiliar no repertório dos alunos da Educação Básica.</li> </ul>
Debate	Cotas raciais	Jorge Ribeiro e Raquel Araújo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exposição da Lei de Cotas Raciais, compreendendo desde a sanção, objetivos e resultados prévios.</li> <li>- Revisão dos elementos estruturais e composicionais do gênero textual <i>Debate</i>, bem como da sequência textual <i>argumentação</i>. Esta foi a única equipe que trabalhou a modalidade <i>oralidade</i>, embora, em alguns momentos da oficina, a escrita tenha sido evocada;</li> <li>- Uso de coletânea de textos diversos para au-</li> </ul>

<sup>143</sup> Levamos em consideração o fato de o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – considerar o Texto Dissertativo-Argumentativo um gênero textual.

			xiliar no repertório dos alunos da Educação Básica.
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro-resumo acima me permite inferir que os elementos estruturais e composicionais dos gêneros textuais sorteados foram, satisfatoriamente, trabalhados nas oficinas. Outro aspecto observado é que gêneros que pertençam à teia comunicativa, conforme defende Araújo (2021), também foram explorados. Como exemplo disso, destaco a carta aberta, a carta pessoal, a notícia e a reportagem, sendo os dois primeiros trabalhados pela equipe que sorteou a carta argumentativa e os dois últimos, o editorial.

#### **4. Resultados e Discussões: potencialidades e fragilidades no ensino de gêneros textuais**

O ensino dos gêneros textuais na Educação Básica é marcado por depoimentos de professores que indicam dificuldades quanto à adoção de metodologias, e, acima de tudo, quanto ao processo de verificação da aprendizagem dos discentes. Dentre os inúmeros fatores que justificam as fragilidades, se sobressaem as lacunas no domínio da Norma Culta Padrão da Língua Portuguesa, a superficial interpretação de textos, o pouco repertório para a produção de redações e, ainda, a timidez para uso da oralidade, que, por sua vez, são reflexos de falhas na alfabetização.

Todavia, é importante pontuar que a insistência de se trabalhar com gêneros textuais, desde as primeiras séries do Ensino Fundamental, promoveu um significativo avanço para a aprendizagem dos alunos. Isso é passível de comprovação se atentarmos para os resultados das oficinas e também de Processos Seletivos, como os Institutos Federais e as Olimpíadas de Língua Portuguesa. Em outras palavras, por mais difícil que seja o ensino da nossa língua materna, centrar foco no texto (Cf. ANTUNES, 2003) se constitui, de fato, em uma excelente estratégia, já que a familiarização com os diversos gêneros textuais tende a gerar resultados promissores.

Mediante essa lógica, julgo pertinente apresentar, na sequência, os resultados das oficinas aplicadas pelos discentes do ProfLetras. Consoante à menção já feita aqui neste texto, reitero que a produção dos artigos científicos foi essencial para a constatação das potencialidades e fragilidades, tendo em vista a descrição minuciosa das etapas, conforme quadro

abaixo:

Quadro-resumo 4: Resultados das oficinas: potencialidades e fragilidades

<b>Gênero textual</b>	<b>Temática escolhida</b>	<b>Membros da equipe</b>	<b>Potencialidades</b>	<b>Fragilidades</b>
Artigo de opinião	Cultura do cancelamento	Carla Sousa e Mônica Ferreira	A oficina ocorreu totalmente no formato presencial, permitindo uma maior interação entre as professoras (discentes do ProFLetras) e os alunos do 9º ano. Nesse processo de verbalização, os alunos elogiaram as dinâmicas utilizadas nas oficinas e demonstraram interesse em participar de outras atividades semelhantes.	Os alunos apresentaram dificuldades de assimilação do que seria cultura do cancelamento, indicando, portanto, uma carência de leitura e de repertório atualizado. Além da questão temática, houve também um relato de dificuldades para cumprir a estrutura do artigo de opinião.
Carta argumentativa	Violência contra a mulher	Cinthia Nascimento e Maria de Fátima da Silva	Comparação da carta argumentativa à carta aberta e à carta pessoal. Incentivo do combate à violência doméstica em casa, na escola, em todas as esferas sociais, mostrando que esta pauta é uma causa de todos os indivíduos, independentemente de sexo, raça ou religião.	Dificuldades quanto ao processo de escrita da carta argumentativa e resistência, por parte dos alunos do sexo masculino, na discussão do tema. Pouco conhecimento quanto aos avanços das leis de amparo às vítimas de agressão doméstica.

<p>Texto dissertativo-argumentativo</p>	<p>Novos arranjos familiares</p>	<p>Leidiane Ferreira e Rogerlane Veras</p>	<p>Promoção do conhecimento do novo conceito de família: avós, tios, padrinhos, padras-tos/madras-tas, “meio irmão”, além dos arranjos familiares provenientes das relações homoafetivas na contemporaneidade.</p>	<p>A argumentação dos alunos da escola ainda é incipiente, muitas vezes não sendo condizente com o nível de escolaridade. Os alunos não tinham domínio sobre os tipos de argumentos e como fazer uso deles, em especial o argumento de citação de autoridade, em que se comprova as dificuldades quanto à aplicação da técnica, como de repertório legítimo e produtivo.</p>
<p>Editorial</p>	<p>Bullying</p>	<p>Margarene Silva e Rogério Rosa</p>	<p>Diversos temas que incidem em preconceito foram abordados durante a aplicação da oficina, como gordofobia, racismo e intolerância religiosa. Os alunos reconheceram, que mesmo não sendo intencional, o bullying é constante na escola e precisa ser combatido diariamente. Ademais, outros gêneros jornalísticos foram apresentados, a exemplo da notícia e</p>	<p>Como alguns elementos de textualidade – coesão e coerência – precisaram ser trabalhados, houve uma certa dificuldade por parte da turma, tanto na assimilação dos conteúdos, quanto na aplicação desses conceitos ao se produzir</p>

			da reportagem.	o editorial.
Debate	Cotas raciais	Jorge Ribeiro e Raquel Araújo	Discussão de uma lei super importante para o Brasil, que tanto sofre com a desigualdade, com o preconceito enraizado. Apresentação do conceito de meritocracia, da lei de cotas e da importância da equidade no acesso aos Institutos Federais e ao Ensino Superior.	Os alunos da escola apresentaram dificuldades para organizar o debate e se mostraram inseguros para fazer a exposição das ideias, dos argumentos elencados, tendo em vista a escassez de atividades envolvendo a oralidade no contexto pandêmico.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos artigos produzidos pelos discentes.

O último quadro sumariza as potencialidades e as fragilidades das cinco oficinas aplicadas pelos discentes do ProfLetras, nas salas de aula do Ensino Fundamental II. Devido ao fato de os gêneros textuais sorteados enfatizarem a sequência textual *argumentação*, os professores escolheram desenvolver as atividades no 9º ano, tendo em vista o grau de maturidade e as premissas estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular.

Outrossim, convém registrar que a socialização dos resultados obtidos ocorreu na XVI Jornada Nacional de Linguística e Filologia, de forma virtual, via *GoogleMeet*, sob a coordenação da professora Drª Guinezza Saraiva Meira. Na ocasião, um representante de cada equipe discorreu, brevemente, sobre como se deu a sistematização das etapas, as metodologias utilizadas, as dificuldades encontradas e os resultados positivos no que tange aos processos de leitura, escrita e oralidade.

### 5. *Algumas (in)conclusões*

Este trabalho se configurou como um estudo de caso, cuja pauta é o ensino de gêneros textuais argumentativos – orais e escritos – na escola. Ele funcionou como uma espécie de termômetro, já que intencionou

avaliar se os discentes do Ensino Fundamental II sabem argumentar, se têm facilidades no processo de identificação dos gêneros e, ainda, se têm aptidão com a leitura, a escrita e a oralidade.

Após uma cuidadosa compilação dos artigos escritos pelos discentes do ProfLetras e das discussões durante a disciplina “Gêneros discursivos/textuais e práticas sociais”, chego à conclusão de que é preciso insistir no ensino de diversos gêneros textuais. Dessa forma, concordando com Antunes (2003), o centro das aulas de Língua Portuguesa deve ser o texto, para que, a partir dele, a leitura, a compreensão textual, as redações escolares, a análise linguística e a oralidade sejam contempladas.

É importante destacar que, possivelmente, as orientações para a aplicação das oficinas nas aulas do ProfLetras não tenham sido a contento, principalmente devido ao formato remoto, em que relatos de problemas com a conexão da internet e com barulhos externos são constantes. Contudo, os trabalhos apresentados pelos discentes foram muito interessantes e grande valia para o cenário da educação. Por tamanha importância, reitero que pretendo desenvolver outras pesquisas desta natureza, voltando-me, agora, para o ensino de gramática, para os problemas de Norma Culta Padrão da Língua Portuguesa, para os aspectos semânticos e estilísticos da língua, para as variedades linguísticas de uma dada situação comunicativa, a fim de verificar as principais fragilidades dos alunos da Educação Básica, buscando sempre atenuá-las, uma vez que o compromisso dos professores é auxiliar no desenvolvimento do senso crítico, político, ético e cidadão dos alunos.

Convém salientar, por fim, que o trabalho com a argumentação na sala de aula deve ser constante. Nesse sentido, discutir estratégias argumentativas – como a retórica, o processo de apresentação de causas e consequências, o recurso de ilustração, a apresentação de conceitos com base nas áreas do conhecimento e a citação de autoridade – é essencial para que os alunos produzam textos argumentativos de excelência e, somado a isso, compreendam a importância da apresentação de um ponto de vista sobre um determinado assunto, evidenciando, portanto, sua visão de mundo, seu repertório sociocultural, sua identidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ARAÚJO, Júlio. *Constelação de gêneros: a construção de um conceito*. São Paulo: Parábola, 2021.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. Tradução a partir do francês de Maria Ermantina Galvão C. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. Gêneros da linguagem na perspectiva da complexidade. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 19, n. 1, p. 67-85, Tubarão-SC, jan./abr. 2019.